

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

Hysex, esox e irze

Figura nos dicionários latinos modernos um vocábulo *hysex*, *-ieis*, tirado de um tratado de medicina de Plínio Valeriano (sec. IV?), que invariavelmente se explica por «animal deseonhecido», admitindo-se a possibilidade de se tratar de uma corrupção de *esox*. E verdade que o «Thesaurus» não se inclina para esta hipótese, observando, no artigo *esox*: «vix huc pertinet». Quanto a *esox*, é voz que, segundo Plínio-o-Velho, designa um peixe do rio Reno. Nesta breve nota vamos tentar demonstrar que *hysex* e *esox* são formas divergentes de uma e a mesma palavra, valendo-nos de um vocábulo arcaico português, *irle* ou *ir*, que com relativa frequência figura em documentos medievais de Entre Douro e Minho, e que não mereceu ainda, que saibamos, a atenção dos estudiosos (1), razão por que não vem incluído nos dicionários de Morais e de Cândido de Figueiredo. Citemos antes de mais nada os textos que nos permitem precisar a significação desta palavra, à primeira vista enigmática:

1) *Interrogatus cuiusmodi forum faciunt homines ipsius ville de piscibus quos piscantur in Dorio et in mari, dixit quod dant totam medietatem dulfini et hycis et tunine et balene, et de aliis piscibus non faciunt inde ullum forum* (PMH, *Inquis.*, 45gb, de Lordelo, hoje bairro do Porto).

2) *Mando quod maiordomus habeat medietatem de*

(1)Gama Barros, «Hist, da Administr Públ. em Portugal», iv, 176, cita a forma *kyrcis*, correspondente àquela que figura no primeiro documento que transcrevemos, com um ponto de interrogação.

lardo de tiinia et de dulfino et quartam partem de euo et de yr%, et de solio (PMH, *Leges*, 663, Foral de Vila Nova de Gaia, a. 1255).

3) *...et dam al Rey 0 primeiro solio et ir \e et lampreia que matarem* (PMH, *Inquis.*, 355 a/b, de *Sancti Johannis de Revoreda*).

4) *... et o primeiro ir \ e a primeira lampreia que y morrer dam al Rey : et dam li as meyas das lampreas et tertia dos ir^es e dos sávaes que y flar em...* (PMH, *Inquis.*, 338 b, in *collatione sancte Marine de Arco^elo*, julgado de Ponte de Lima) (2).

5) *Et dam> . . . al Rey meyos dos solios et ir\es et de lampreas primeiras que matam* (PMH, *Inquis.*, 349b, in *collatione Sancti Salvatoris de Gundiar*, julgado de Caminha).

De um exame atento desta documentação resulta: 1.º que *ir\e*, evidentemente, é nome de peixe (3); 2.º que este peixe devia

(1) Ignoramos o que possa significar esta palavra. Tratar-se-á porventura da chamada truta marisca («trutta trutta»), que ocupa um lugar intermédio entre o salmão e a truta dos ribeiros («trutta fario»)? *Euo* lembra com efeito os nomes celtas do salmão a que nos referimos mais abaixo, p. 125.

(2) O princípio desta inquirição é o seguinte: *Item dixerunt que da Mamoá dam al Rey cada que veer* («cada vez que vier») *aos paa^os de Ponte II carros de lenia : et dam as nassas por kalendas Januarias al Rey et armam o Rio: et 0 primeiro ir 7. .*

(3) Ao rever as provas, verificámos que a palavra não deixou de atrair a curiosidade de Leite de Vasconcelos, que na sua «Etnografia Portuguesa», π, 174, indica um passo de PMH, «Leges», onde ela figura. Diz também que Duarte Nunes de Leão, na «Descrição do Reino de Portugal», fala de *solhos, ire^es e sávaes* do rio Minho (cap. xx, p. 38), e que a «Corografia» do P.º António Carvalho da Costa tem *ires* e *iris* (vol. i, pp. 262, 264 e 274). «Referir-se-á tudo ao mesmo peixe? Será este a *eiró* ou *iróf*», pergunta o saudoso mestre.

O passo das «Leges», a que se aludiu, faz parte de uma ordenação de Afonso ui que restringe abusos de alimentação. Diz o seguinte : *E semauilmente* (sic !) *no dia do pescado comham de tres pescados ou de dous e huum seia adubado de duas guisas e com estes pescados comham truytas e bogas ou ssolho ir^e de marisco tres* («até») *no dia da carne ou do pescado se 0*

ser grande, visto que pagava, como a toninha, a baleia e o solho, um foro que vai até metade do seu peso ; 3.º que se trata de uma espécie que, à semelhança do solho (esturção, «*acipenser sturio*»), a lampreia e o sável, sobe, vindo do mar, periodicamente os rios Minho, Lima e Douro para desovar, informação ministrada pelos documentos n.ºs 3, 4 e 5, alusivos à obrigação dos habitantes de S. João de Roboreda (concelho de Vila Nova de Cerveira), de S.ª Marinha de Arcozelo (concelho de Ponte de Lima) e de Gondar (concelho de Caminha), de anualmente pagarem à Coroa o primeiro exemplar que lhes caía nas redes; 4.º que o *ir^e*, por exclusão de partes, visto que o número das espécies «*potamótocas*» (1) se limita a quatro (das quais três figuram, juntamente com o *ir^e*, no doc. n.º 4), não pode ser outra coisa a não ser o salmão («*salmo salar*»), precioso salmonideo que hoje apenas se pesca, em número reduzido, no rio Minho e nalguns da Galiza e da Cantábria, constituindo um petisco reservado a poucos privilegiados. Não sucedia, porém, assim em épocas passadas, anteriores à industrialização e conseqüente inquinação de muitos cursos de água, quando se pescavam aos milhares, entrando normalmente na alimentação até dos trabalhadores rurais (2). A nossa identificação do *ir^e* com o salmão estriba-se ainda noutra argumento importante: apesar do grande papel que o «*salmo salar*» desempenhava na economia antiga, não nos lembramos

teverem (p. 209, ano de 1261). Julgamos que se deve ler ... *ssolho* [ow] *irçe de marisco* e que esta última expressão se refere ao salmão pescado na sua vinda do mar, porquanto, depois da desova e da sua permanência prolongada nas águas doces, este peixe é impróprio para o consumo.

Segundo a referência feita por Duarte Nunes, o termo *irje* usava-se em Portugal ainda nos fins do séc. xvi. É verdade que este autor emprega simultaneamente *salmões* (10c. cit.), o mesmo fazendo o P.º Carvalho quando se refere aos *salmoens e ires* do Cávado, julgando talvez, enganado pela coexistência das duas denominações, tratar-se de duas espécies diferentes. De *salmão* existem as variantes *sarmão* e *sermões* (cf. Leite de Vasconcelos, loc. cit.).

(1) A expressão é do P.º Roule e opõe-se à de «*talassótocos*», quer dizer, espécies que, como as enguias, vão criar no mar.

(2) Informação colhida na «Enciclopedia Espasa-Calpe», artigo *salmon*.

de ter encontrado a palavra *salmão* em nenhum documento medieval português (1).

Tudo leva, como se concordará, a crer que a palavra *ir^{le}* foi nome indígena do salmão, usado na costa do Norte de Portugal (e possivelmente em toda a costa galaico-cantábrica), e que só depois do século xiii começou a ceder o lugar à designação actual. Ora quem possui algum sentido linguístico-etimológico, estabelecerá logo um nexos entre *ir^{le}* e a voz obscura *hysex*, que nos serviu de ponto de partida para esta nótila, e que não deve passar de uma grafia extravagante (que não é de admirar num texto tardio) de *Jsex*, que por sua vez seria variante de *esox*. A forma *ir^{le}* explica-se, com efeito, e sem que se faça violência à fonologia histórica, por um acusativo *isicem*, cuja evolução lembra vagamente a de *Tilix*, *ulicem* para *ur^{le}*, bem como a de *cicmus* («Oribásio, Lex Salica»X *cycnus* (cf. FEW) para ant. *cime* «cisne»). Ao passo, porém, que neste exemplo foi o / que, depois do emudecimento da vogal postónica e da sonorização do *c* em ʝ, se converteu em *r*, esta consoante procede, no nosso caso, do *s*. Que **is^oe* tenha evoluído por dissimilação para *ir^{le}*, concebe-se como uma quase necessidade fonética (2). No que diz respeito a *isex*, uma vista de olhos no Du Cange vem confirmar a existência real de tal étimo de *ir^{le}*, por nós apenas teoricamente postulado. Lê-se aí: «/six, piseis genus, aliis *esox*, gall, *alose*», seguindo-se a citação de um trecho de uma Vida de S. Bento de Aniana, redigida por um monge desse mosteiro beneditino, no Sul da França, chamado Ardo, ou Smaragdus, e que viveu no século ix:

(1) O mesmo já não se pode dizer no que diz respeito a Castela; cf. o art. 20 ° das Cortes de Jerez, de 1268: *El mejor sollo quatro mrs.; el mejor salmon dos mrs.; el peor un mr.; lampreas tres por un mr.* («Cortes de los antiguos reinos de Léon y Castilla», 1. 74). A forma *■salmotn*, que figura no «Cancioneiro da Vaticana», n.º 1 100, deve reflectir a castelhana.

(2) Há outros casos em que o *s*, ʝ transitam, em português, para *r*, como, p. ex., em *hiberno*<^*lubejno*, *Sernande*<^*Sesnande*₃ *churmachusma*; cf. Cornu, «Portugies. Sprache»², § 210. É claro que esses exemplos não são absolutamente comprovativos, por nenhum deles oferecer a sequência *s-ç*, que caracteriza o vocábulo que aqui nos ocupa. O rotacismo que se observa em *ir^{le}* deve ter-se produzido, naturalmente, numa época em que o *c* de *isicem* se articulava *ts* ou *d%*.

Ecce subito praegrandem piscem, quem is i c e m vocant,
 pW/ cn'ca ///ws (sic!) *natantem* (i). Deve ter-se equivocado o autor do «Glossarium», lendo inadvertidamente *isicem* e construindo logicamente um nominativo *Isix* segundo o modelo de *perdicem-perdix*. Também a explicação da palavra latina pelo francês *alose*, ou seja o sável, não é de aceitar, porquanto este peixe («alause vulgaris»), parente do arenque e da sardinha, tem apenas um peso que varia entre 1*2 e 34/2 quilos, não merecendo de modo algum a qualificação de «praegrandis» (2), ao passo que o salmão, nos seus exemplares maiores, chega a ter 15 e, excepcionalmente, nos rios da Rússia, 40 quilos.

Acrescentemos que S.¹⁰ Isidoro de Sevilha, que tão preciosas informações nos deixou acerca do primitivo léxico peninsular, conhecia uma forma intermédia entre *isex* e *esox*, ou seja *isox*, *-ocem*, de que pretende fazer derivar a palavra *isitium* «recheio, salchicha* : *isocem piscem quendam dictum, ex quo primum isicia facta sunt; et quam vis ex alio genere piscium fiunt, initium tamen piscis hic et vocabulum dedit* (Etymologiae, xx, 2, 29). Um médico de Tournai, do tempo de Carlos vu, Jacobus a Partibus, numas glosas a Alexandre de Afrodísia (que emprega a grafia ἰσικός), explica a preparação de tal conserva de peixe da seguinte maneira: *conquuntur pisces, et postea ponuntur in aceto, vel vino, et superaspergitur pulvis aromaticarum specierum* (3). Não há razão para se não aceitar como boa a etimologia isodoriana, dado que ainda hoje o salmão de conserva, fumado ou de escabeche, é um artigo de comércio corrente. A circunstância de ele ser pescado em quantidades consideráveis dentro de um período de tempo relativamente curto, não permitia que fosse integralmente consumido «in loco» em estado fresco.

A variante *isox* habilita-nos a aproximar *isex* do vocábulo pliniano *esox*, nome de um peixe de grandes dimensões que povoa o Reno: .. *fiunt et in quibusdam annium haut minores pisces,*

(1) Esta cena de pesca passa-se *iuxta fluvium Ligeris*.

(2) Veja-se o documento castelhano citado acima, por onde se vê que um bom salmão valia oito sáveis, ou seis lampreias.

(3) Du Gange cita mais autores em que ocorre esta palavra e que apresentam as variantes *isitia, esitia, hysitia e ositium*.

silurus in Nilo, esox (var. mss. *ixox, exos, esos*) *in Rheno... inertia pinguescens ad mille aliquando libras* (1) (Nat hist., ix, 44). Ao passo que o Dicionário de Ernout-Meillet hesita ainda, quanto à significação de *esox*, entre «saumon» e «brochet» (2), o de Walde-Hofmann admite como provável a primeira destas duas hipóteses, decidindo-se o «Thesaurus» mais categoricamente por ela e explicando: «genus maioris cuiusdam piseis in Rheno flumine, salmonis specie». Os três citados léxicos estão, porém, de acordo em atribuir à palavra uma origem estrangeira, gaulesa, apontando uma série de denominações do salmão nos antigos e modernos idiomas celtas : irland. *eo* (gen. *iach*, variante *e*), médio cimb. *ehawk*, ant. corn, *ehoc*, médio bretão *eheuc, ehoc*. Também o vasconço adoptou o nome celta do salmão, chamando-o *ìlokìn*, o que parece corresponder a uma derivação **isoc-inus* (3), que por sua vez deu origem ao espanhol *esguín* «cria del salmón cuando aún no ha salido al mar». (Diga-se, de passagem, que a etimología de *esguín*, que se lê no Dicionário da Academia Espanhola: galego *esigo* do lat. *exiguus* «exíguo», é de todo inaceitável.)

Ora, sendo a região renana habitada primitivamente por uma população celta, o mesmo sucedendo com o Noroeste da Península Ibérica (segundo as investigações de Bosch-Gimpera, há mesmo indícios arqueológicos seguros de que, por volta do ano 500 a. C., um núcleo de celtas, procedente precisamente do Baixo Reno, se estabeleceu no Noroeste da Península), talvez não seja demasiado ousado admitirmos que *isex-hysex* (em que assenta o ant. port. *ir|é*) e *esox* representam variantes locais de uma e da mesma voz celta, que ambas conseguiram conquistar um lugar, embora modesto, no léxico latino. E verdade que nas margens do Reno, devido à intensa germanização e subsequente romanização a que estas regiões ficaram sujeitas, se perdeu a memória do primitivo nome do salmão, que nos transmitiu Plínio, triunfando, como mais tarde em Portugal, a desig-

(1) Há evidentemente grosso exagero na indicação deste peso.

(2) Na terminologia científica «*esox lucius*», peixe carnívoro que vive em rios e lagos, desconhecido nas águas de Portugal. Em ant. fr. *Ins*.

(3) O dicionário de Walde-Hofmann aponta (*h*)*ysicinus* como sinónimo de *hysex* que, como esta forma, ocorre em Plínio Valeriano.

nação latina comum: *Sal?n* <^*salmo*, *-one* (1), que, aliás, não passa de outro termo que o latim foi buscar a um idioma celta (2), facto que nada tem de extraordinário, se nos lembramos de que o referido salmonídeo vive exclusivamente no Atlântico e em certos rios que nele desaguam, sendo totalmente desconhecido nas costas do Mediterrâneo. A denominação propriamente germânica do *irle*: alem. mod. *Lachs*, ant. alto-alem. e ant. saxão *lahs*, baixo-alem. /*is*, anglo-saxão *leax*, ant. nord, *lax*, corresponde aos nomes que lhe dão os povos báltico-eslavos (3). Apontaremos ainda o facto curioso de que, no tocário, *laks* tinha a significação genérica de «peixe», e não há motivo para estranharmos que povos da comunidade indo-europeia tenham mais tarde reservado este nome para o rei dos peixes, o peixe por excelência (4).

Queríamos pôr fim a esta nota dizendo que também na antiga toponímia portuguesa se descobre um vestígio do nome medieval do salmão. Numa inquirição de 1258, referente à vila e actual

(1) O mesmo se verifica no inglês, que, apesar das numerosas formas indígenas celtas ainda hoje existentes na Grã-Bretanha, adoptou *salmon*.

(2) Veja-se Walde-Pokorny, «Vergleich. YVörterb. der indogerm. Sprachen», ii, 505, art. *sel* 4 «saltar»: «...ob gall.-lat *salmo* «Lachs, Salm», *salar* «Forelle».·, den Fisch nach seiner Sprungfertigkeit bezeichnen, ist höchst fraglich; es ist andererseits Beziehung zu lat. *saliva* usw. als schleimig-schlüpfriger Fisch — da ohne fühlbare Schuppen — zu erwägen.» — É surpreendente o número de nomes de peixes de carácter celta: *trucantus* «truta» (e, provavelmente, o próprio *trücta*), *ancoravus*, *cragacus*, *cracatius* «solho», *salar* «salmão», *samauca* «saboga» e outros. Não tivemos, infelizmente, a possibilidade de consultar os trabalhos de dois autores que porventura nos teriam fornecido informações suplementares. Referimo-nos a J. Jud, «Les noms des poissons du Lac Léman», in «Bull. du Gloss. des patois de la Suisse romande», xi, 1912, pp. 2-48, e ao estudo de L. H. Gray sobre *esox*, *salmo* e *salar*, publicado no «Amer. Journ. of Phil.», 49, 1928, pp. 343-347.

(3) Pruss. *lasasso*, lit. *las^isja*, letão *Iasis*, russo *lososü*, pol. *losos*.

(4) Edward Schröder, num bem documentado artigo intitulado «Vacha und Fischbach» (in «Deutsche Namenkunde», 279 segs.), demonstrou que as numerosas localidades chamadas, na Alemanha, *Fischbach*, ou seja «ribeira de peixe», devem o seu nome quase exclusivamente ao salmão que, na sua migração anual, à procura de sítios próprios para a desova, subia os mais insignificantes riachos. Gomo num passado longínquo indo-europeu, a palavra «peixe» tornou-se aqui, na toponímia, sinónimo de «salmão».

freguesia de S. Julião, no julgado de Refóios (conc. de Santo Tirso), vêm precisados os termos de um reguengo, que *incipiunt in estrata Vimarani, deinde per rigum qui vadit per viam Aque longe* (hoje *Agua Longa* ; *deinde ad cortinas sicut vadit subtus vineam Ecclesiae ipsius ville* (scii. *Sancti Juliani*); *deinde ad fontem Lavandarie* ; *deinde ad portelam de ir* ; *deinde venit se ad marmolaria*; *deinde finit se in strata Vimarani* (PMH, *Inquis.*, 526^a). A citada portela deve certamente o seu nome a um antigo pesqueiro de *ir*^{es}, ou ao facto de nela se ter apanhado um destes peixes num ribeiro, onde normalmente não fariam a sua aparição. Por uma coincidência curiosa, M. Niedermann tratou recentemente de um caso piscatório-toponímico muito parecido com o nosso (1), ao demonstrar que o nome da vila francesa de *Craon* («chef-lieu» de cantão do départment de Mayenne), que Gregorio de Tours chama *Cracatonnum*, se filia com muita probabilidade no já citado nome gaulês do solho (chamado antigamente em Portugal *peixe-rei*, por o primeiro exemplar que se matava se destinar à mesa real): *eracatus* (vocábulo que figura em fontes literárias dos séculos IX-X), e que aquela denominação «evoque le souvenir de la sensation, produite par l'arrivée à l'improviste, d'un esturgeon en un endroit, où l'on n'avait jamais encore aperçu un poisson de dimensions aussi énormes». (A referida vila encontra-se no rio Oudon, afluente do Mayenne, 20 km. a montante da cidade de Segré.) Um exame topográfico dos arredores da freguesia de S. Julião deveria permitir a localização da antiga *Portela de Ir*, cujo nome apresenta um tão curioso paralelo com *Cracatonnum*"

JOSEPH M. PIEL

(1) «Note de toponymie française (*Craon* <*Cracatonnum*)», in «Sache, Ort und Wort (Festschrift J. Jud)», pp. 139-149.